

O UNIVERSO DE BENJAMIM ZAMBRAIA – SIMULACRO E IDENTIDADE NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Daniela Osório Palin de Moraes (Faculdades Integradas FAFIBE)

Resumo: Este sucinto trabalho tem como objeto de pesquisa a construção da personagem pelo narrador no romance contemporâneo. Assim, alguns procedimentos utilizados na construção da personagem são mencionados, remetendo à construção da própria narrativa. Em um de seus desdobramentos, a pesquisa apresenta a problemática da narrativa contemporânea e o tema identidade. Para isso, foram utilizados os estudos de Ronaldo Costa Fernandes, o qual apresenta um trabalho importante no que diz respeito ao romance e aos procedimentos do narrador. Também utilizamos as teorias de Beth Brait condizentes à questão da personagem e de Silviano Santiago que nos apresenta propostas relativas aos procedimentos do narrador na pós-modernidade.

Palavras-chave: narrativa; personagem; narrador; identidade.

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado.

Feuerbach

Os estudos relativos à arte contemporânea não se abstêm de questionar a posição do sujeito e suas condições de vida na sociedade moderna. Tais condições às quais se submeteu o indivíduo no mundo contemporâneo descentrado são apontadas como responsáveis pelo isolamento e alienação do mesmo em uma sociedade que não lhe oferece uma ancoragem, como a sociedade de outrora o fazia.

O indivíduo típico da sociedade capitalista vê-se imerso em uma turbulência norteada por choques e rupturas que influenciaram o campo das artes. Por conseguinte, o indivíduo da sociedade de então se vê dependente de um meio que o leve a compreender o sentido da vida e de sua história e transfere ao romance a expressão necessária da narrativa. Com seu advento, emerge o herói solitário com o qual o leitor se identifica, visto que ambos encontram-se em busca da recomposição de seu todo em uma sociedade modificada.

Com o advento do romance, sua ascensão, a identificação do leitor com o herói romanesco, a figura do narrador torna-se mais evidente, visto que ele associar-se-á ao leitor. A respeito desta relação, Ronaldo Costa Fernandes (1996) declara:

A relação do narrador com o leitor não é a mesma do contador de histórias – verbalmente – com o seu ouvinte. É uma relação verticalizada, hierarquizada, dominadora, desafiante e traiçoeira. O leitor, contudo, tem a seu favor o prazer da leitura, o fascínio pelo texto – é um deixar-se subjugar, numa relação de abandonar-se não à dor masoquista, mas à delícia da servidão encantatória. (Fernandes, 1996, p. 12)

Walter Benjamin, em seu ensaio *O narrador* (1994), já havia ressaltado que o ouvinte recebia do narrador, com proveito, um saber, traduzido em uma moral, uma advertência, um conselho, coisas com as quais o indivíduo de hoje não sabe o que fazer, pois vive isolado em seu mundo privado. Partindo deste princípio, ele deixa evidente o caráter utilitário da narrativa que se distancia da idéia de intervir na vida de outrem, e sim, sugerir a continuação da história narrada. (Benjamin, 1994, p.200)

Percebemos que Benjamin (1994) vincula o declínio da arte de narrar à deficiência da troca de experiências no mundo moderno, visto que contador e ouvinte mantêm uma distância, acentuada pelo mundo capitalista que impõe ao sujeito da sociedade moderna novas técnicas de trabalho que já não permitem a ele trocar experiências com outros indivíduos como acontecia no passado. Assim, o estudioso apresenta-nos, não uma negatividade em relação ao modo de narrar, que, agora, na sociedade capitalista depara-se com uma nova condição, mas sim, a problemática da arte de narrar no mundo moderno, que necessita de encontrar uma forma de sobrevivência.

Partindo desta problemática da narrativa contemporânea, adentraremos, agora, ao universo da obra romanesca de Chico Buarque de Hollanda, a qual apresenta personagens inseridas no turbilhão caótico do mundo contemporâneo.

No romance *Benjamim* (1995), a segunda produção literária de Chico Buarque, posterior a seu primeiro romance, *Estorvo* (1991), temos a impressão de estarmos diante de uma tela virtual. Vemo-nos como espectadores de um filme que se desenrola com recordações e vivências subjetivas do protagonista Benjamim Zambraia, que não só consegue se desligar do passado, mas também não se conforma com o presente.

Percebemos, discretamente, a presença de um intermediário, o narrador, consciente e onipresente que constrói e do protagonista que ocupa a função análoga à câmera:

Adolescente, Benjamim adquiriu uma câmera invisível por entender que os colegas mais astutos já possuíam as suas. O equipamento mostrou-se tão providencial quanto um pente de bolso, e a partir daquele dia a vida dele tomou novo rumo. (Hollanda, 1995, pp. 10-11)

Tem-se, no início da narrativa, a reprodução da cena dos últimos minutos de vida de Benjamim Zambraia e o narrador desempenha o mesmo papel da câmera no cinema, remontando toda a vida do protagonista semelhante à exibição de um filme:

... e naquele instante Benjamim assistiu ao que já esperava: sua existência projetou-se do início ao fim, tal qual um filme, na venda dos olhos. Mais rápido que uma bala, o filme poderia projetar-se uma outra vez por dentro das suas pálpebras, em marcha a ré, quando a sucessão dos fatos talvez resultasse mais aceitável. (Hollanda, 1995, p. 9)

A narrativa cinematográfica, como sabemos, é fragmentada por cortes e *flashes*, tecida em terceira pessoa o que permite ao narrador conhecer os fatos do ponto de vista das demais personagens do romance:

Passada a comoção da descoberta, Benjamim admite que as feições da moça hoje avistada não remetem de imediato a Castana Beatriz. Ele precisaria que

Castana Beatriz o encarasse como o fez a moça no restaurante, e depois na galeria. (Hollanda, 1995, p. 26)

A respeito da utilização da técnica cinematográfica, Ronaldo Costa Fernandes (1996) afirma:

A incorporação que a literatura faz de algumas das chamadas técnicas cinematográficas, por outro lado, não representa também apenas uma apreensão de meios, mas uma adequação aos novos tempos fragmentários. Não se há de negar a influência do cinema. (Fernandes, 1996, p. 28)

A fluência da narrativa, centrada no protagonista Benjamim Zambraia, desperta a atenção do leitor e confere dinamicidade à obra por meio de *flashbacks*:

Na sua rede de vôlei Benjamim Zambraia era herói. Esse mesmo Benjamim, por quem hoje ninguém dá nada, naquela época era o príncipe da praia, e G. Gâmbolo gabava-se de freqüentar a sua roda. (Hollanda, 1995, p. 89)

O narrador de *Benjamim* (1995) não narra mergulhado na própria experiência, distancia-se do narrador clássico caracterizado por Walter Benjamin (1994). É o que também salienta Silviano Santiago, em seu ensaio *O narrador pós-moderno* (1989), por meio da afirmação:

o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. (Santiago, 1989, p. 39)

O narrador descrito por Santiago é onipresente, pois observa tudo ao seu redor, porém seu olhar não é introspectivo; assim ele apresenta uma outra alternativa:

o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. (Santiago, 1989, p. 40)

O protagonista Benjamim participa de uma trama que se desdobra em sete capítulos. Segundo Chico Buarque, em uma entrevista a Augusto Massi, da Folha de São Paulo, em 02 de dezembro de 1995, os sete capítulos correspondem a sete semanas:

“O tempo da narrativa pode ser calculado pelo intervalo entre os sete capítulos, todos correspondem ao espaço de uma semana”.

A tensão e a complexidade da narrativa dão-se pelo entrelaçamento das histórias das personagens, todas interligadas ao protagonista Benjamim:

Ao menstruar pela primeira vez, Ariela deitou-se e esperou que caíssem no travesseiro todos os seus cabelos. Em noite de lua cheia renasceriam negros e sedosos, de acordo com o que profetizara a mãe tempos antes, para lhe aplacar uma crise de nervos. (Hollanda, 1995, p. 150)

Do mesmo modo que Ariela, o narrador de *Benjamim* (1995) delinea Aliandro Esgarate:

Burlando as leis da genética desde o nascedouro, Aliandro habituou-se a desafiar o que mais o destino lhe reservasse. Ele convenceu-se de que, se acatasse as estatísticas, moraria até hoje nas palafitas, estaria tuberculoso, seria semi-analfabeto... (Hollanda, 1995, p. 35)

Percebemos que a narração em *Benjamim* (1995) oscila entre presente e passado, produzindo um contraste entre a volta ao passado, peculiar à narração e a falsa contemporaneidade da descrição. É tecida uma “teia” de relações entre o passado e o presente do protagonista. Tudo o que o cerca no presente associa-se ao enigma do passado. Por meio dessa oscilação, o leitor adquire uma percepção mais clara do autêntico encadeamento dos acontecimentos, compreendendo de que modo eles derivam uns dos outros.

Percebemos em *Benjamim* (1995), que o narrador utiliza recursos imagéticos, metáforas, principalmente. A respeito deste procedimento, Beth Brait nos afirma que, ao utilizar esses recursos, o narrador coloca em contraste o valor semântico das palavras e as figuras que estão sendo construídas. (Brait, 1985, p. 60)

Benjamim adquire as propriedades ou as características da Pedra do Elefante, local em que mora: a imobilidade. O homem contemporâneo vê-se imóvel, impotente perante um mundo que não consegue assimilar. A sucessão de movimentos por parte das personagens contrasta com a impossibilidade ou impotência das mesmas diante do mundo em que vivem, pois vivem imóveis como pedras:

Há o cheiro da Pedra em *Benjamim*, que à saída do quarto fita Ariela, *empedernido*; é tão presente a Pedra naquela sala que, se *Benjamim* viesse a emparedar a janela, parece a Ariela que a pedra ficaria do lado de dentro”. (grifo meu) (Hollanda, 1995, p. 56)

Percebemos, também, tal recurso na caracterização de Aliandro Esgarate, visto que o mesmo traduz-se em cartazes, panfletos e propagandas, ou seja, encontra-se totalmente vinculado à imagem, pois é um candidato à eleição em plena campanha política:

Estreante na política, Alyandro confiara sua imagem a especialistas e não discutia deliberações de natureza estética. Mas quando o assunto era do seu domínio, falava grosso. Assim, exigiu a reimpressão de dez mil cartazes em cores, em papel brilhante, apresentando a nova grafia de seu nome, resultado de consultas a uma numeróloga. E no instante em que o relógio da praça marca 22:22, Alyandro em pessoa ordena ao tecladista que interrompa a música no meio de um compasso. Desconcertadas, as dançarinas permanecem um tempo inertes, com uma perna para o alto, enquanto o locutor anuncia: “Alyandro Sgaratti, o companheiro xifópago do cidadão!”. (Hollanda, 1995, pp. 72-73)

Tanto Benjamim Zambraia quanto Aliandro Esgarate demonstram problemas relativos à sua identidade pessoal; o primeiro adquire as características da Pedra do Elefante, local em que mora, marcadas pela imobilidade, pela passividade de um ser que não possui objetivos a alcançar, e o segundo, emerge do anonimato e traduz-se em cartazes e panfletos que não condizem com sua identidade pessoal e origem. Percebemos, também, que a personagem Ariela Masé vive em profunda crise de identidade, visto que vive submersa em seu conflito interior, consequência do lado oculto e obscuro de sua origem que não consegue desvendar. Vejamos o fragmento abaixo:

Na foto esmaecida, Ariela viu um homem de rosto longo, com a pele irregular, mas bem-feito de traços, e uma expressão de quem sabia que logo morreria de morte violenta. Ariela observou-o horas a fio e terminou por apropriar-se da foto, adotando-o como pai legítimo. Faltava-lhe agora uma mãe, pois a que tinha, um homem com semelhante estampa nem sequer enxergaria na rua. (Hollanda, 1995, pp. 150-151)

Devemos mencionar, também, o fato de Benjamim Zambraia ser um ex-modelo fotográfico, consequentemente ligado à imagem e inconformado com a nova condição do mundo moderno em valorizar modelos novos, inexperientes, justificando que os produtos apresentados por tais modelos têm uma maior aceitação no mercado consumidor. Assim, percebemos que o sucesso ou o fracasso da aceitação do produto passa a depender, no mundo moderno, exclusivamente, da imagem. Vejamos o fragmento:

Quando retiraram do mercado os cigarros Knightsbridge, com certeza G. Gâmbolo pensou que Benjamim se magoaria. Em nome de uma antiga amizade, telefonou para dar satisfações e falou da atual voga antitabagista, que só poderia ser neutralizada por meio de mensagens dinâmicas, com modelos juvenis, de aspecto saudável. (Hollanda, 1995, p. 37)

Ao reportarmo-nos à questão do narrar na contemporaneidade, conseqüentemente nos reportamos à narrativa contemporânea, influenciada pelos elementos midiáticos, pela progressão das imagens e cortes bruscos, *flashes*, influência nítida do cinema; tais elementos são responsáveis pela fragmentação da narrativa, das situações vivenciadas pelas personagens inseridas em uma trama que, à primeira vista, confunde o leitor, ao mesmo tempo, que lhe confere uma sensação de viver o que presença na ficção.

A narrativa contemporânea, assim como o sujeito contemporâneo, busca algo: um sentido que possa fundir os estilhaços deixados por um mundo que se revolucionou e que precisa ser assimilado por seus componentes.

Assim como Benjamim Zambraia, Ariela Masé, Aliandro Esgarate, personagens de uma trama ficcional que atordoia e ao mesmo tempo fascina, o homem contemporâneo encontra, por meio da leitura, uma forma de compreender a si mesmo e o mundo em que vive, procurando resgatar uma identidade que não está literalmente perdida, mas sim acometida por uma forte sensação que o faz acreditar que não possui uma identidade. Este, por sua vez, procura reencontrar a identidade que supostamente perdeu, através da arte.

Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. *Benjamim*. São Paulo: Cia das Letras: 1995.

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.